

Lygia Fagundes Telles. *As Horas Nuas*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989.

Lygia Fagundes Telles é já veterana na literatura brasileira. Desde 1944, quando publicou *Praia Viva*, uma seleção de contos, ela tem dito "presente" no universo literário brasileiro com uma frequência e um nível de qualidade a não ficar devendo nada a ninguém. Seu trabalho foi premiado várias vezes, e em concursos promovidos por diversas entidades. É, pois, quase que uma rotina esperar-se de Lygia um bom trabalho, uma ficção envolvente e personalíssima.

Em *Horas Nuas*, Lygia nos conta uma história de emoção e misterio. Os personagens deste romance, como em quase toda ficção de Lygia, são poucos. Aqui temos a narração feita por Rosa Ambrósio, uma atriz envelhecida e decadente, e esta narração faz contraponto com a de Rahul, um "gato memorialista e agnóstico". Em alguns trechos temos narrações curtas sob o ponto de vista da analista Ananta Medrado, e o livro é encerrado com a aparição de um novo narrador, Renato Medrado, primo de Ananta.

Esta breve caracterização das vozes narrativas no romance já dá ideia de sua complexidade. Entretanto, estas vozes narrativas acabam complexificando-se ainda mais quando os personagens começam a narrar a partir de tempos diferentes, e, no caso do gato, de encarnações diferentes.

Rosa Ambrósio, atriz, mulher emãe (a ordem indica as prioridades) conta as suas memórias, seus sonhos, as vezes para um interlocutor invisível, às vezes para sua analista, e muitas vezes para todos juntos, num entrelaçamento dessas tres instâncias de sua vida. Como atriz, ela vivencia o passado vivido nas personagens que levou ao palco; como mulher ela mistura o primeiro marido, Gregório, com o asecrétário" Diogo, e finalmente com a presente solidão e abandono. Como mãe, medita sobre a condição da filha, uma jovem bonita, ex-futura tenista, que agora tem fixação por homens muito mais velhos que ela. Nesta trama de diversas vidas vividas e encenadas, Rosa muitas vezes se perde no labirinto da meória e acaba não sabendo distinguir o real do teatral do imaginado. Nesta confusão muitas vezes se perde também a leitora, que acaba tendo que voltar páginas e verificar de quem exatamente Rosa está falando. A associação de idéias tipo

stream-of-consciousness, faz-se num ritmo nervoso e enervante. Há --tem que haver-- um minotauro no labirinto, mas não sabemos em que esquina ele vai aparecer. Nem Rosa o sabe.

O gato Rahul, confirmando a crença popular que gato tem sete vidas, acaba funcionando na história como um elemento místico, que dispõe da chave que abre a porta do túnel do tempo. Ele vive no presente na casa de Rosa Ambrósio, onde ele toma seu leite e cochila nas janelas e arranha estofados como todos os gatos. Mas, por detrás das pupilas felinas esconde-se um lutador grego, um menino de cachos, e outros seres. A passagem desta para outra encarnação faz-se de maneira singela, com o gato começando a associar determinados cheiros, ou sons, e acaba com Rahul metamorfoseado neste ou naquele outro ser, viviendo esta ou aquela emoção, com estes ou aqueles outros parentes ou amantes.

Nessa renda de bilro narrativa a personagem menos interessante é a analista. Isso parece estranho, porque era de se esperar que a analista, íntima dos "mais recônditos" sentimentos de Rosa Ambrósio, fosse a que nos daria uma solução para as muitas buscas e indagações da atriz. Entretanto, o que acontece é que a analista desaparece, e à procura dela vem o primo Renato Medrado, advogado com muita leitura de livros policiais. Numa cena muito engraçada, um funcionário da Delegacia de Polícia lhe diz que "Não existe mistério por mais complicado que não possa ser resolvido", e em seguida lhe diz que a delegacia estava "abarrota de casos pendentes, centenas e centenas de casos nao resolvidos. Indefinidamente pendentes". (205-6) Mais tarde a empregada de Rosa Ambrósio lhe diz para perguntar ao gato Rahul sobre o paradeiro de Ananta. No parágrafo final do livro Renato conversa com o jardineiro do prédio onde morava a prima e onde moram Rosa Ambrósio e a filha. Renato "voltou-se bruscamente para a janela do quarto andar com a nitida impressão de que alguém o observava através da cortina. Quem? O sol batia afogueado na vidraça mas agora que o incêndio ia-se apagando ele podia ver melhor a sombra, Dionísia? Desfranziu os olhos ofuscados, o vulto era pequeno demais para ser gente. -É o gato." (222) E, afinal, não se fica sabendo nada de concreto sobre o paradeiro da prima Ananta. O que se sabe é que ela à noite ouvia o barulho da chegada do novo vizinho do andar de cima.

Sabe-se também que ele, ao chegar em casa, metamorfoseava-se em cavalo e dormia no chão. Com o primo Renato Medrado revisitamos o apartamento da analista e conferimos com ele que tudo está nos lugares, e com ele estranhamos mais uma vez a presença de antiquíssima tapeçaria no escritório de Ananta.

Para os leitores assíduos de Lygia, está claro que a escritora apropria-se de outras temáticas suas usadas em muitos de seus contos. Aqui, em *Horas Nuas*, temos novamente os temas do mistério introduzido a partir de um fato cotidiano, corriqueiro. Por exemplo, o gato cochila numa almofada, a vida parece correr serena como sempre, mas o gato está num outro astral, vivendo uma outra vida e outro corpo. A atriz em luta com a velhice e a solidão. A pequena Ananta que desaparece misteriosamente dentro de seu apartamento onde há uma tapeçaria ancestral cujo desenho esmaecido pelo tempo mostrava um “terrível bosque verde-negro com a sombra de um castelo tão remoto lá no fundo que era mais para ser adivinhado do que vislumbrado.” Uma outra temática forte é a da relação de tempo real/tempo mítico. Já no romance *As Meninas* (1973), esta questão foi tratada com grande beleza e sutil uso poético das possibilidades de fusão destes dois tempos.

Quando Ananta desaparece, evidencia-se uma grande diferença no tipo de detalhes que interessam a um homem (no caso Renato Medrado), e na maneira de encarar o desaparecimento por outras mulheres. O primo procura evidências que se baseiam na vida social, enquanto que as mulheres, estranhamente, parecem não se preocupar com o sumiço da analista, como se tal ocorrência fosse esperada. Tudo na narrativa leva a crer que Ananta, como o personagem do conto “A Caçada, acabou sendo absorvida pela antiquíssima tapeçaria, com a qual tinha uma relação misteriosa, e que, como o gato Rahul, ela conseguiu a chave do túnel do tempo a travessou a ponte do desconhecido e não-conhecível. Quem a teria absorvido para dentro da tapeçaria. Que função tem o gato castrado no presente mas cheio de memórias e amores de um tempo em que viveu ora como homem ora como mulher? Como podemos explicar a estranha loucura de Rosa Ambrósio, perdida entre Lady Macbeth e Ofélia quanto tentando desesperadamente reter a juventude que se lhe esvai por entre os dedos e os pelos?

Lygia Fagundes Teles, embora esteja de certa maneira usando temas e técnicas já conhecidas de outros seus trabalhos, não o faz de maneira repetitiva e enjoativa. Em *Horas Nuas*, a técnica se refina e a linguagem alça vãos poéticos. As vezes são múltiplas, de múltiplas profundidades, e todas tentam falar de um tempo escondido num fundo mais fundo da memória. Ao mesmo tempo, Lygia é irônica, ridiculiza Gregório, o primeiro marido de Rosa, “esse sábio da montanha” que tem que “tratar com a formiguinha”, expõe cruelmente o palavreado tolo dos homens que tomam conta das Delegacias de Polícia, dos investigadores que como Renato Medrado, só vêem a superfície e não conseguem encher dentro de imensa tapeçaria que mulheres e gatos e empregadas e canteiros de Amor-Perfeito tecem à sua volta e à sua revelia. O mais importante, porém, é que Lygia também lança um olhar irônico às mulheres: à Rosa Ambrósio devido a sua incapacidade de aceitar a velhice; as feministas do grupo de Ananta porque não só demonstram tão pouca preocupação com o desaparecimento da companheira mas também porque logo querem usufruir do que a companheira deixou. O mistério de Ananta continua, assim como continua o mistério feminino.

Eva Bueno
University of Pittsburgh